

A doença afeta principalmente mulheres e costuma surgir ou piorar em períodos como puberdade, gravidez e menopausa. Estudo brasileiro mostra desconhecimento e reforça a necessidade de melhor preparo para o diagnóstico precoce

Alterações hormonais, especialmente ligadas ao estrogênio, podem influenciar o desenvolvimento e a progressão do lipedema, doença que afeta principalmente mulheres e costuma surgir ou piorar em períodos como puberdade, gravidez e menopausa. É o que diz um estudo de autores brasileiros publicado na revista *Metabolic Health and Disease*, do grupo Nature.

O estudo aponta falta de conhecimento sobre a doença entre profissionais de saúde, reforçando a necessidade de mais conscientização e preparo para o diagnóstico precoce. Segundo os autores, apesar do primeiro relato do problema na literatura médica ser de 1940, o lipedema ainda enfrenta desafios no diagnóstico e no tratamento.

A doença é caracterizada pelo acúmulo anormal de gordura, principalmente no quadril, nas coxas e nas pernas, simétrico, bilateral e frequentemente é confundida com obesidade ou linfedema. Segundo o cirurgião vascular e especialista em lipedema Herik Oliveira, de Brasília, a pesquisa confirma dificuldades já observadas na prática clínica. "Muitas mulheres passam anos sem diagnóstico correto, porque o lipedema ainda é pouco conhecido. Isso atrasa o tratamento e impacta diretamente a qualidade de vida das pacientes", afirma.

Do ponto de vista genético, estudos citados na revisão sugerem que entre 30% e 89% das pacientes têm histórico familiar da doença, indicando forte componente hereditário. A condição é considerada poligênica e influenciada por fatores ambientais. "O lipedema não é escolha nem descuido. É uma doença com base hormonal e genética, que se manifesta predominantemente em mulheres e que não cede a dieta ou exercício convencional. Entender isso é fundamental tanto para o diagnóstico quanto para o acolhimento desses pacientes", destaca Herik Oliveira.

Cristais

O estudo detalha as alterações histológicas encontradas no tecido adiposo de pacientes com lipedema: hipertrofia de adipócitos, aumento da fibrose, infiltração de macrófagos, alterações vasculares como angiogênese e, em estágios avançados, depósito de cristais de cálcio nas células. Essas alterações ajudam a explicar os sintomas mais relatados pelas pacientes: dor, sensibilidade, hematomas espontâneos e inchaço que não respondem à elevação dos membros.

Para Herik Oliveira, compreender a biologia da doença muda a abordagem clínica. "Quando vemos que o tecido adiposo afetado pelo lipedema é estruturalmente diferente, com células hipertrofiadas, fibrose e fragilidade vascular, fica evidente por que os hematomas surgem sem trauma aparente e por que o tratamento precisa ser especializado. Não estamos falando de gordura comum, estamos falando de um tecido doente."

Alteração hormonal pode agravar o lipedema

Imagem de Freepik



O problema é caracterizado pelo acúmulo de gordura, sobretudo, nas coxas e nas pernas: avaliação correta ainda é desafio

Desafio

A revisão reforça que o diagnóstico do lipedema é essencialmente clínico e se baseia em critérios estabelecidos desde 1951, como distribuição de gordura bilateral e simétrica nos membros, ausência de resposta ao emagrecimento, presença de dor, sensibilidade e hematomas espontâneos, e preservação dos pés, o chamado "cuff sign".

Entre os exames de imagem, o ultrassom vascular pode ser útil para diferenciar lipedema de linfedema, enquanto a ressonância magnética fornece informações sobre a distribuição

de fluidos e o grau de fibrose no tecido subcutâneo. "O diagnóstico precoce é determinante para a qualidade de vida do paciente. Muitas mulheres passam anos sendo tratadas para obesidade ou linfedema, sem resultado, quando, na verdade, têm lipedema. Identificar corretamente a doença é o primeiro passo para um tratamento eficaz", afirma Herik Oliveira.

Tratamento

O estudo aponta que as estratégias terapêuticas disponíveis, incluindo dieta,

perda de peso e Terapia Descongestiva Complexa, oferecem controle dos sintomas, mas não são curativas. A lipospiração específica para lipedema é considerada para casos graves em que os métodos conservadores falham.

Um dado relevante, trazido pela revisão, desafia um paradigma: imagens de absorciometria de raios-X de dupla energia (DXA) mostraram que, após 12 meses de modificação intensiva de estilo de vida, com dieta e atividade física, uma paciente apresentou perda de 20,9kg de tecido gorduroso, incluindo redução significativa nas pernas, com

melhora expressiva da dor e do inchaço. Isso, segundo os autores, desafia a visão de que todas as pacientes com lipedema são altamente resistentes à perda de gordura localizada.

"O tratamento do lipedema é multidisciplinar e precisa ser individualizado. Exercício físico orientado, alimentação anti-inflamatória, uso de meias ou calça de compressão, medicações antioxidantes e, em casos de sobrepeso e obesidade, medicamentos para perder peso são os pilares principais. Em casos avançados e selecionados, a cirurgia pode ajudar com tratamento clínico", conclui Herik Oliveira.

Palavra de especialista



Mais opções de cuidado

O manejo mais atual da pessoa que convive com lipedema deixou de ser focado apenas em emagrecimento ou em procedimentos isolados. Hoje, a abordagem moderna é multimodal, individualizada e multidisciplinar, combinando diagnóstico clínico adequado, controle de dor e edema, terapia compressiva, exercício físico orientado, estratégias nutricionais anti-inflamatórias, cuidado metabólico, saúde mental e, em casos selecionados, cirurgia redutora do tecido lipedêmico, especialmente lipospiração tumescente ou assistida por água. Consensos recentes reforçam que o tratamento conservador é a base inicial e que a cirurgia pode melhorar dor, mobilidade e qualidade de vida, mas não deve ser vendida como cura definitiva. Sempre o tratamento inicial deve ser não invasivo! Também há crescimento no uso de recursos complementares, como drenagem linfática, compressão pneumática, fisioterapia, fortalecimento muscular e programas estruturados de autocuidado. A grande mudança é reconhecer o lipedema como doença crônica inflamatória do tecido adiposo, com impacto vascular, linfático, metabólico, ortopédico e psicossocial.

Antônio Carlos de Souza, diretor de publicações da sociedade brasileira de angiologia e cirurgia vascular

>> Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 15 SEM REDES SOCIAIS ANTES DE 16 ANOS

O Reino Unido proibirá o acesso às redes sociais para menores de 16 anos, anunciou o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, somando-se a outros países que já endureceram suas leis com o mesmo objetivo. "As redes sociais deixam as crianças infelizes. Facilitam o assédio e os abusos", declarou o chefe do Governo trabalhista ao anunciar a medida, que defendeu como "um passo importante" para o país. A proibição afetará redes sociais como Snapchat, TikTok, YouTube, Instagram, Facebook e X, mas não os aplicativos de mensagens como WhatsApp e Signal. Starmer afirmou que deseja a aprovação de uma lei "antes do Natal", para que a proibição entre em vigor "no começo do próximo ano, provavelmente até a primavera" (hemisfério norte, outono no Brasil), entre março e junho de 2027. Países como a Austrália, pioneira no tema, e a Indonésia já implementaram uma proibição do tipo. Na semana passada, o Canadá anunciou a intenção de fazer o mesmo, enquanto o Parlamento da Turquia aprovou em abril uma lei para impedir que menores de 15 anos tenham acesso às redes sociais.

AFF



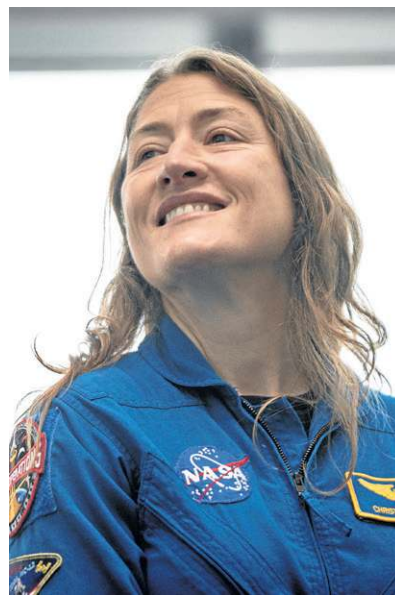
TERÇA-FEIRA, 16 EPIDEMIA DE EBOLA PODE DURAR UM ANO

A epidemia de ebola na República Democrática do Congo (RDC) pode se estender até meados de 2027, advertiu Bruno Michon, chefe de operações da Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (FICV). Segundo ele, o pico do surto ainda não foi atingido. "Tememos que essa epidemia dure ainda um ano antes de chegar ao fim", declarou Michon, durante uma coletiva de imprensa. Michon frisou que há uma "falta cruel de capacidade de diagnóstico", o que torna "muito difícil saber exatamente até que ponto a epidemia está se espalhando". "Acho que o pico não ficou para trás, mas ainda está por vir." Em 15 de maio, a RDC declarou um surto de ebola, o 17º registrado no país. A Organização Mundial da Saúde (OMS) atendeu o alerta sanitário internacional dois dias depois.

QUARTA-FEIRA, 17 RECONHECIMENTO NA ESPANHA

Dois meses após se tornar a primeira mulher a participar de uma missão espacial à Lua, a astronauta norte-americana Christina Koch (foto), 47 anos, ganhou o Prêmio Princesa das Astúrias da Concórdia 2026, na Espanha. Koch "contribuiu para ampliar as fronteiras da humanidade", considerou o comitê na decisão. A astronauta integrou a Artemis II, ao lado dos também norte-americanos Reid Wiseman e Victor Glover e do canadense Jeremy Hansen, que corou com sucesso uma viagem ao redor da Lua, após mais de meio século. Os quatro voltaram à Terra 10 dias depois com centenas de gigabytes de dados. Instituído em 1981 e considerado o mais prestigioso do mundo ibero-americano, o prêmio é dotado de 50 mil euros (R\$ 294 mil) e de uma escultura criada pelo falecido artista catalão Joan Miró. A homenagem será entregue pela princesa Leonor, herdeira do trono da Coroa espanhola, e pelos reis Felipe VI e Letizia em outubro, em uma cerimônia em Oviedo, capital das Astúrias.

AFF



QUINTA-FEIRA, 18 VACINA CONTRA HPV MOSTRA EFICÁCIA

A vacina que protege contra o HPV (vírus do papiloma humano), responsável pelo câncer de colo do útero, reduziu a quase zero o risco de morrer dessa doença antes dos 30 anos na Inglaterra, mostra um estudo publicado na revista médica *The Lancet*. Entre 2020 e 2024, nenhuma mulher na Inglaterra entre 20 e 24 anos morreu em decorrência desse tipo de tumor, de acordo com a pesquisa realizada pelo Cancer Research UK e da Queen Mary University of London. É a primeira vez que não se registra nenhuma morte nessa faixa etária. Segundo o levantamento, foram evitadas ao todo 200 óbitos desde a introdução da vacinação contra o HPV, cujas cepas de alto risco causam praticamente todos os casos de câncer de colo do útero. O HPV é um vírus que pode ser transmitido durante relações sexuais e que geralmente não provoca sintomas.